

O ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque relata em artigos exclusivos para o *Correio Braziliense* as experiências de superação da crise e criação de empregos que viu durante viagem à Ásia

O EXEMPLO DA CORÉIA

Cristovam Buarque

Apesar de toda a semelhança, há grandes diferenças entre as crises coreana e brasileira. A primeira, a favor do Brasil, é que nós cuidamos dos bancos antes da crise chegar. O Proer, por mais criticado que seja, conseguiu dar um mínimo de estabilidade aos bancos. Não fosse isso, hoje a crise brasileira estaria muito pior. Aí param as comparações a favor do Brasil.

Na Coréia, não há déficit fiscal. Os governos sempre mantiveram seus custos dentro dos limites fiscais. A taxa de juros coreana nunca precisou ficar nos patamares brasileiros, necessários para atrair o hotmoney, o dinheiro quente, que vai ao Brasil como se fossemos motel de dinheiro, apenas para passar a noite e levar as lembranças.

Na Coréia, a crise não afetou o sistema social, que tem um dos mais universalizados e melhores sistemas educacionais do mundo, uma rede de saúde que beneficia toda a população e sem as doenças endêmicas que ainda caracterizam o Brasil. Além disso, os coreanos contam com um sistema de apoio mútuo familiar que abranda, como um colchão social, a crise que acontece na sociedade.

Mas o que realmente diferencia a crise, depois que ela acontece, é o espírito de corpo nacional do povo coreano. No mesmo momento em que a crise ocorreu e a sociedade tomou consciência dela, iniciou-se um movimento espontâneo, de sucesso absoluto, contra importações e mesmo contra o consumo. O povo parou de comprar. Isso aumentou a crise do desemprego, mas evitou a inflação e permitiu a recuperação das reservas monetárias, primeira condição de recuperação, porque foi o déficit comercial a principal causa da crise, como no nosso caso também.

Mais do que reduzir espontaneamente o consumo e as importações, o povo foi para a rua dar dinheiro ao Banco Central da Coréia sob a forma de ouro, dólares e outras moedas que tinham guardado nos colchões. A Coréia é um país, um povo unido, e essa é uma grande diferença.

E nesta diferença está a maior culpa do atual governo brasileiro. A nossa administração, até pelo passado pessoal do presidente Fernando Henrique Cardoso, tinha tudo para ser o governo que, ao lado da luta pela estabilidade monetária, começaria o esforço de fundar o Brasil como um só povo. Isso não foi feito.

Durante os últimos anos, a sociedade brasileira ampliou o fosso que separa ricos e pobres, em vez de reduzi-lo. E teria sido possível fazer essa redução. Mas faltou interesse do governo, que caiu na ilusão — que ele mesmo criou — de que uma moeda forte artificialmente, como todos sabiam, seria capaz de fazer do Brasil um país onde todos seriam ricos. Agora estamos pagando o preço da descoberta da falsidade da ilusão, sem ter um colchão social, nem um propósito comum para enfrentarmos a crise.